

As cores
do coração

DANI ASSIS

As cores do coração



Copyright © 2020 por Dani Assis
Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: Raquel Cozer
Gerente editorial: Renata Sturm
Editora: Diana Szylit
Edição de texto: Luiza Del Monaco
Revisão: Augusto Iriarte e Renata Lopes Del Nero
Capa: Renata Vidal
Projeto gráfico e diagramação: Mayara Menezes
Imagem da capa: enjoynz/iStock

LETRAS DAS MÚSICAS
“Always”, Gavin James (composição de Gavin James e Ollie Green)
“Impossible”, James Arthur (composição de Ina Wroldsen e Arnthor Birgisson)
“At Last”, Etta James (composição de Harry Warren e Mack Gordon)
“I Say a Little Prayer”, Aretha Franklin (composição de Burt Bacharach e Hal David, interpretada originalmente por Dionne Warwick)
“(You Make Me Feel Like) a Natural Woman”, Aretha Franklin (composição de Gerry Goffin, Carole King e Jerry Wexler)

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de sua autora, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A865c	Assis, Dani
	As cores do coração / Dani Assis. — Rio de Janeiro : Harlequin, 2020.
	304 p.
	ISBN 978-65-509-9000-8
	1. Ficção brasileira. I. Título.
	CDD B869.3
19-2539	CDU 82-3(81)

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

Às mulheres incríveis que
dividem essa jornada comigo

Prólogo



Antonella

Acordo e, antes mesmo que eu abra os olhos, lembranças da noite anterior voltam a mim. E com elas a deliciosa sensação de estar junto de Enrico. Dizem que o amor é o sentimento que mais nos arranca suspiros e desde que o conheci sou obrigada a concordar.

Quando o vi pela primeira vez, na fila de uma barraquinha de lanches, não pensei que aquele homem seria meu felizes-para-sempre. Peguei meu lanche e me virei, mas Enrico não me deu espaço suficiente para passar e acabei trombando nele e tomando um banho de refrigerante e ketchup. Fiquei tão brava que soltei vários impropérios. Enrico não sabia onde enfiar a cara e pedia desculpas sem parar. Parece que foi ontem, porém foi há exatos três anos. A partir daquele dia, não nos separamos mais.

Viro-me e ao abrir os olhos surpreendo-me por ele não estar na cama. A chance de Enrico se levantar antes de mim numa manhã de domingo é a mesma de uma chuva de meteoros atingir a Terra. Ergo o tronco e o chamo. Ele não responde, o que me obriga a levantar.

Visto uma de suas camisetas que estavam jogadas ao lado da cama e saio à sua procura. Vejo-o assim que entro na cozinha americana. Abro um largo sorriso ao encontrá-lo só de *boxer* em frente ao fogão, fazendo

ovos mexidos. Desvio o olhar para a bancada e noto uma bandeja com uma rosa vermelha, suco de laranja, pães e frios.

— Espero que tudo isso seja para mim — falo, amparada no batente da porta.

Enrico se assusta ao ouvir minha voz, embananando-se por completo e deixando a espátula cair no chão.

— Ah, que droga, Tonton! Era para você estar dormindo! — reclama, e passa a dividir sua atenção entre limpar o chão e terminar os ovos.

Começo a rir de sua falta de desenvoltura na cozinha e puxo uma banqueta para me sentar em frente à bandeja repleta de itens matinais.

— Por que já está acordada? — ele choraminga, aproximando-se de mim e beijando meus lábios com suavidade.

— Acordo todos os dias na mesma hora. Você é quem deveria ter levantado um pouco mais cedo se queria me levar café na cama — informo, sorrindo.

Enrico faz um biquinho com os lábios e me envolve em seus braços.

— Feliz três anos de namoro — diz.

Sorrio e ergo meu rosto para receber seus lábios mais uma vez.

— Feliz três anos de namoro — respondo.

— Já que você acabou com a surpresa, vamos sair para tomar café da manhã. — Ele solta meu corpo e volta para o fogão. — Vou limpar isso, vá se trocar.

— Por quê? Podemos comer aqui — digo, roubando uma fatia de queijo da bandeja e levando-a à boca.

— Não tem mais graça, você acabou de estragar.

— Ah, desculpe! — Sorrio ainda mais ao ver sua expressão de falsa decepção.

— Vá, vá logo, estou com fome! — pronuncia ele, batendo palmas para me apressar.

Saio da banqueta e corro para o quarto para tomar uma ducha e me vestir, o que faço com extrema agilidade. Faz tempo que um lado de seu armário abriga minhas coisas, facilitando a vida dividida entre a casa dele e a minha. Escolho um longo vestido vermelho estampado e rodado

que Enrico adora, calço minhas sandálias rasteiras cor de prata e estou pronta para aproveitar o dia de sol anunciado durante toda a semana.

Sento-me na cama e procuro meus brincos em meu criado-mudo, mas não os encontro. Então, debruço-me sobre a cama para procurá-los no criado-mudo de Enrico. Abro a pequena gaveta e uma caixinha de veludo chama minha atenção.

— O que é isso? — murmuro, pegando-a enquanto me ajeito na cama. Abro a caixinha e vejo um anel em ouro branco, com uma imensa e reluzente pedra.

Oh, meu Deus! Ele vai me pedir em casamento? A frase retumba em minha mente, causando-me um choque dos pés à cabeça. Falamos tantas vezes sobre casamento, porém nunca passou de uma brincadeira. E agora, eu tenho esse anel nas mãos...

— Tonton, está pronta? — ouço-o falar da cozinha e rapidamente guardo a caixinha em sua gaveta.

— Sim! — Corro para o banheiro para terminar de arrumar o cabelo.

Fico alguns minutos encarando o espelho com um sorriso abobado no rosto, passo as mãos por meus cachos, moldando-os para ter mais volume, sem ter ideia de como devo agir agora que vi o anel.

— E aí, vamos? — Enrico entra no banheiro, surpreendendo-me.

— Só mais um minuto — demando, tirando da gaveta da pia minha tiara dourada.

Enrico sai do banheiro, veste-se e diz que vai esperar na sala. Entretanto, em vez de ir até a sala, observo-o de esguelha e o vejo pegar a caixinha de veludo na gaveta, colocando-a no bolso da calça.

Meu Deus, é hoje. É hoje!

A descida no elevador é silenciosa. Tento manter uma postura calma, controlada, embora por dentro grite como uma louca, ansiosa pelo momento em que ele me entregará o anel.

Chegamos à garagem do prédio e eu caminho em direção ao seu carro.

— Vamos de moto, o dia está tão bonito.

Aquiesço e sigo para a moto, visto o capacete e subo na garupa.

— Segure firme — ele diz, como se fosse necessário.

Aperto meus braços em torno de seu corpo. Essa é uma das partes de que mais gosto; o corpo de Enrico é forte e delineado por músculos sobressalentes, daqueles que levam qualquer garota ao paraíso.

Logo estamos na rua, e o sol forte se derrama sobre nós. O dia está realmente lindo. Conforme Enrico pilota a moto, ergo a viseira do capacete e olho para o céu azul, admirando as nuvens que dançam.

Não percebo nada ao redor, não reparo se há outros carros ou trânsito; nada disso importa quando estou com ele.

Hoje é mais um dia feliz, mais um dia em que nosso amor é o combustível de nossas almas, mais um dia em que eu sorrio para o meu felizes-para-sempre, sem consciência do que está por vir.



Forço meus olhos a se abrirem; cada pálpebra parece pesar uma tonelada. Reúno toda a minha energia para mantê-los abertos, e a primeira pessoa que vejo é minha mãe. Pisco algumas vezes para focar seu rosto e noto seus olhos vermelhos e marejados.

— Querida, seja forte! — ela diz, segurando minhas mãos.

E essa simples frase me faz tomar consciência de onde estou. Começo a arfar descontroladamente, sentindo uma dor irrefreável no peito.

Minha mãe segura meu corpo para tentar me impedir de levantar da cama do hospital.

— Calma, respire fundo, respire! — instrui, como se fosse uma tarefa simples para mim.

Não consigo respirar direito, e meus olhos embaçam, nublando minha visão de minha mãe e de todo o resto. Fecho os olhos e os aperto ao máximo, sentindo o choro prestes a explodir.

— Eu quero vê-lo! — grito, desvencilhando-me dela que, devido à idade, não tem força suficiente para me deter.

— Antonella, você não pode sair! Sua perna está machucada, você não pode andar agora!

Arranco a agulha espetada em meu braço e a jogo com o tubo para trás, buscando forças para me levantar e andar em direção à porta. Uma avalanche de acontecimentos desconexos me invade: eu na garupa da moto olhando para o céu, uma freada brusca, gritos, uma pancada, a mata fofa sob meu corpo, o céu novamente.

— Não, não! — Abstraio a dor no corpo inteiro, saio do quarto e caminho erraticamente pelos corredores. Minha mãe grita meu nome, porém isso não me impede de continuar andando entre um corredor e outro, abrindo portas para encontrar Enrico.

Uma enfermeira para à minha frente e arregala os olhos.

— Você não pode ficar aqui! Volte para seu leito — ela diz.

— Onde ele está? Onde o Enrico está? — grito, segurando um de seus braços.

A enfermeira suspira e olha para minha mãe, que me alcança. A mulher ergue a outra mão e indica o final do corredor; sigo a direção de seu dedo e avisto um médico e os pais de Enrico. Solto-a e tento correr até eles, porém uma dor cruciante em uma de minhas pernas me impede. Esforço-me para ignorá-la e avanço o mais rápido que posso. Quando finalmente me aproximo, meu mundo para de girar.

— Infelizmente, ele não resistiu. Tentamos de tudo nessas horas, mas ele não aguentou a cirurgia, o traumatismo foi muito extenso. Sinto muito.

Não, não é de Enrico que ele está falando, não pode ser. Contudo, ao ver a mãe de Enrico se agarrar ao marido num choro convulsivo, não consigo mais controlar meu próprio choro, que explode num grito que ressoa por todo o hospital.

— NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! — berro, amparando-me numa parede. — Isso não pode acontecer, você está mentindo, faça alguma coisa, isso não é real, isso não é real!

— Antonella, fique calma! — Minha mãe faz menção de segurar meu corpo, que está prestes a cair, mas eu desabo.

— NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! — É só o que consigo repetir.

Isso não está acontecendo, não está. De joelhos, com a cabeça entre as mãos, balanço meu corpo para a frente e para trás, sem conse-

guir controlar o choro e a dor que me varre, mais destrutiva do que um terremoto.

— Sinto muito, não há mais nada que possamos fazer. Sei que é um momento de dor para a família, e respeitarei qualquer decisão de vocês, entretanto preciso perguntar: vocês autorizam a doação dos órgãos do Enrico?

O corredor do hospital é tomado por choros e lamentos. Eu os desconsidero, alimentando somente e ainda mais a dor em meu peito.

— NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! NÃO ELE! NÃO O ENRICO! — grito, esperando acordar desse pesadelo e tudo voltar a ser exatamente como antes.

Sinto braços passarem por baixo de minhas axilas e me içarem do chão, sentando-me numa das cadeiras no corredor. Meus olhos embaçados não enxergam mais nada, meu nariz escorre e não me preocupo em limpar; só desejo que me deixem aqui, que me esqueçam e me deixem chorar.

Não é justo que ele seja tirado de mim. Não é justo, não é justo! Minha mente grita, e bato uma mão contra o peito para tentar aliviar o aperto que só aumenta, e então cedo por completo ao pranto, ao desespero, à agonia, ao coração arruinado que agora tenho dentro de mim.

Vittorio

A luz ligada vinte e quatro horas por dia me faz perder a noção do tempo; não há janela neste quarto, e os bipes constantes e a falação de médicos e enfermeiros contribuem para que meus dias se confundam com as noites e minhas noites com os dias. É fácil me perder nos dias da semana, não sei nem quando é sábado ou domingo. É assim toda vez que passo muito tempo no hospital. Esta estadia, a mais longa de todas, pode ser também a última.

Deitado de barriga para cima, vejo o teto branco como uma grande tela, pronta para receber minhas tintas. Há meses preso nesta cama, minha única distração é imaginar as pinturas que farei quando voltar ao meu ateliê; neste último mês — no qual minha saúde piorou consideravelmente —, só consigo pensar em corações, aos montes, de todos os tamanhos e formas. Penso em alguns num formato anatomicamente perfeito, penso em outros como a representação do amor, em tons de preto, de vermelho, de rosa, ou com cores misturadas e aquareladas a escorrem pela tela. As cores e formas dos meus corações dependem do meu humor, do estado em que acordo a cada dia nesta cama de UTI.

Hoje, imaginei um coração preto, com a tinta mesclando-se à água e pingando da tela: um coração podre, sem força, morrendo — o meu coração.

— Vittorio, vou aplicar a medicação — diz Rafaella, a enfermeira que cuida de mim dia sim, dia não. Ela injeta algo no meu soro, e não me dou ao trabalho de perguntar o que é, porque quero poupar meu fôlego.

Tenho entrado e saído de hospitais a vida inteira. Ainda criança, fui diagnosticado com uma cardiopatia congênita que causou o estreitamento dos ventrículos cardíacos e que me deu um coração fraco, incapaz de bombear com vigor o sangue para meu corpo. Foram necessárias muitas intervenções para me manter vivo até aqui; hoje, no entanto, nenhuma cirurgia ou medicamento é capaz de obrigá-lo a fazer seu trabalho, pois a musculatura cardíaca enfraqueceu, comprometendo progressivamente a sua capacidade funcional, o que faz de mim um cardiopata terminal aos vinte e oito anos de idade.

Não consigo mais fazer coisas simples como tomar banho, amarrar o tênis ou me vestir sozinho; meu coração está parando e a única coisa que pode me manter vivo é outro coração.

Um novo coração.

Parece tão simples, porém não para alguém que morre um pouco a cada dia. Um novo coração não se encontra à disposição numa gôndola de supermercado; estou na fila de transplante há quase um ano e não sei mais quanto tempo posso aguentar. Sei que meu tempo neste mundo está acabando.

Meus olhos pesam. Espero poder dormir por algum tempo, ignorar os gemidos dos outros pacientes — que no começo tinham nome, eram indivíduos, e hoje chegam e vão embora sem que eu consiga me ligar a eles —, a correria ruidosa dos médicos, a luz constante em meu rosto.

Deixo que minhas tintas e telas adornem meus pensamentos, deixo que minha mente se concentre naquilo que mais amo, e, ao pensar em meu ateliê e em minhas pinturas, meu estado de espírito, em constante oscilação, agarra-se a um fio de esperança de que me manterei vivo até que um novo coração surja.

— Vittorio. — Sinto uma mão tocar meu ombro. Abro os olhos ainda pesados e vejo o doutor Luca com um sorriso no rosto.

— Vamos prepará-lo para a cirurgia! Você vai ganhar um coração hoje.

Se o coração que tenho no peito não estivesse numa condição tão ruim, eu diria que começou a bater frenético de emoção, porém isso não é verdade, porque ele mal bate. Contudo, meu cérebro continua funcionando e, esse sim, irradia alegria, pula e grita, exultado com a possibilidade do fim desse sofrimento, com a possibilidade de que eu, enfim, tenha uma vida de verdade, uma nova vida.



Antonella

Cerca de um ano depois...

Esparramada de bruços na cama, observo através da janela o dia úmido e cinzento. É metade da primavera, porém o tempo ainda se comporta como se fosse inverno, interpondo dias cálidos e agradáveis e dias frios e molhados.

Eu deveria estar de pé e seguindo para o trabalho, mas continuo imóvel na cama, olhando para a chuva fina que molha a vidraça, acompanhando os caminhos sinuosos formados pela água. Admiro o trajeto de cada gota e noto que elas nunca traçam o mesmo curso; cada uma segue para um lado, sempre contrariando meus palpites.

É torturante saber que preciso me levantar e trabalhar; tem sido assim durante o último ano. Enrico e eu trabalhávamos na mesma corretora de seguros, dividíamos nossos dias, almoços, cafés; estávamos sempre juntos. É angustiante chegar àquele lugar a cada manhã e não encontrá-lo. No entanto, nada é tão ruim como os inúmeros telefonemas de clientes procurando pelo corretor Enrico; quando uma dessas chamadas cai no meu ramal, sinto meu coração se partir em mais um pedaço por ter de contar o que aconteceu, explicar sua ausência, reviver a tragédia. Minha vontade é sair correndo dali.

Decido que agora é, de fato, o último pingo que acompanho; assim que ele cruzar toda a vidraça, vou me levantar. Entretanto, esse pingui-nho dança pela janela e demora mais do que o normal para completar seu caminho; penso que ele se compadeceu de mim e deseja que eu fique mais tempo na cama.

Suspiro, afasto o edredom do meu corpo e me coloco de pé para tomar banho e me aprumar para o trabalho. Visto-me de acordo com o tempo: um conjunto social azul-marinho e saltos pretos. No banheiro, aplico uma máscara nos cílios e batom carmim nos lábios e, para manter o volume nos cabelos, jogo um spray estimulante e aperto os cachos das pontas em direção à raiz, até que todos estejam com o volume e a definição que gosto. Pego minha inseparável tiara de aro duplo dourada. Com a bolsa debaixo do braço e sem nenhum ânimo ou disposição, estou pronta para mais um dia.

Meu apartamento fica no centro da cidade, o que facilita o deslocamento para qualquer lugar; por outro lado, o silêncio é algo que não presencio há um bom tempo. Vita é uma cidade superpopulosa que faz parte da mesorregião de São Paulo — tão próxima da capital, de fato, que a loucura desta se mistura à daqui, embora haja bairros, os mais afastados, que mantenham um ar pacato, nos quais vizinhos conversam tranquilamente em frente às suas casas.

Não o centro. Sou cumprimentada por uma sinfonia caótica de carros, buzinas e pessoas agitadas e atrasadas. Abro o guarda-chuva e, sem perder tempo, entro no mesmo ritmo apressado dos outros transeuntes, seguindo o fluxo para o trabalho. Chego com uma hora de atraso à corretora e, sem me justificar, vou direto buscar uma xícara de café. Ao voltar para minha mesa, passo por meus colegas, dando-lhes bom-dia; eles apenas acenam com a mão, já que estão com o *headset* preso à cabeça tentando convencer os clientes a comprarem um de nossos produtos.

Sento-me e abro minha agenda para verificar os compradores que me devem uma resposta e, assim como meus colegas, coloco o *headset* e começo a sequência de chamadas. Como em todos os dias, as

horas se arrastam; ao menos, consigo fechar uma quantidade razoável de seguros, o que me renderá uma boa comissão. Quando o relógio aponta cinco da tarde, começo a me animar porque faltam apenas trinta minutos de trabalho e, principalmente, porque hoje é dia de voluntariado.

Frequento o Centro de Apoio Salute de duas a três vezes por semana; chego lá por volta das seis da tarde e fico até a última reunião, que termina por volta das dez da noite. Também ajudo na administração do lugar. Conhecer o centro e as pessoas que participam dele foi uma das melhores coisas que me aconteceram. Se não fosse por elas, não sei se ainda estaria de pé após a morte de Enrico.

Assim que ele foi diagnosticado com morte encefálica, os médicos pediram autorização para a doação de órgãos; a família de Enrico, ciente de sua vontade de ser doador, consentiu. Eu também sabia, mas não posso mentir e dizer que concordei, pois naquele momento eu só queria que Enrico voltasse para mim, inteiro.

A ideia de que seus órgãos estariam espalhados por aí me deixou muito perturbada. No começo eu não conseguia comer ou dormir, pois a única coisa em que pensava era encontrar os receptores dos órgãos de Enrico. Comecei a ir ao hospital para conversar com médicos e com a assistente social a fim de tentar obter quaisquer informações sobre a doação, mas todos me disseram que o melhor era não encontrar essas pessoas, que há um consenso entre os médicos de que tais encontros trazem mais dor.

Então, recomendaram-me que conhecesse o Centro de Apoio Salute porque, ali, eu encontraria outras pessoas com sofrimentos semelhantes. Ao dividir minhas lágrimas, talvez abrandasse a dor. Chiara, psicóloga e coordenadora do Salute, acabou por se tornar uma grande amiga; seu apoio e sua compreensão me ajudaram a me manter em pé durante as piores fases do luto.

As horas que passo no centro são as melhores da minha semana. Entretanto, nem mesmo a convivência no Salute fez desaparecer a ideia de encontrar os receptores dos órgãos de Enrico. Continuo determi-

nada a descobrir o nome e conhecer cada pessoa que carrega dentro de si uma parte dele.

Finalmente, são cinco e meia, e, sem esperar nem mais um minuto, desligo o computador, pego minha bolsa e saio da corretora.

A chuva cessou. Daqui para o Salute, é uma distância razoável: preciso caminhar até o metrô mais próximo e descer na estação central, um trajeto de cerca de meia hora. A lotação do metrô às seis da tarde é algo que enfrento com prazer quando o objetivo é encontrar pessoas de que tanto gosto.

Ao chegar, paro diante dos portões de ferro e observo a casa; não me canso de admirá-la. O Salute ocupa um casarão antigo, tombado pelo patrimônio histórico da cidade. Assim é Vita: uma mistura de arranha-céus novos e algumas casas com mais de um século de idade.

A idade da casa, porém, não significa que esteja em más condições. Muito pelo contrário; quando o Salute mudou para esse espaço, os patrocinadores da causa fizeram uma revitalização para deixá-lo em plenas condições de uso, buscando manter suas características. O casarão é rodeado por um denso jardim com arbustos baixos de poda ornamental, que conferem ainda mais singularidade ao local em relação aos grandes prédios espelhados. Não há uma vez que eu venha aqui e não me impressione com a beleza e tranquilidade que ele transmite.

Ultrapasso os portões e caminho por entre o jardim até chegar à escadaria de mármore que dá acesso à varanda, a qual circunda a parte térrea da casa, adornada por balaústres pintados de amarelo.

Assim que abro as portas de madeira entalhada que dão acesso ao piso de ladrilhos coloridos da recepção, encontro Dona Sofia, com seus charmosos óculos de aros verdes e a tiara na cabeça de fios prateados. Aproximo-me dela, que tem ares de desespero e, assim que me vê, corre para me puxar pelo braço.

— Antonella, você chegou! Ainda bem! Ajude-me com essa máquina, eu já fiz de tudo e não consigo imprimir as fichas da reunião de daqui a pouco.

Dou a volta na mesa para ajudá-la a descobrir o problema e constato que a impressora está desligada. Suprimo o riso e aperto o botão de ligar, depois vou até seu computador e clico para imprimir.

— O que você fez? Como conseguiu? — diz ela, aproximando os óculos dos olhos e, curiosa, inclinando a cabeça para acompanhar o que faço.

— Era só apertar o botão de trás, Dona Sofia. A impressora estava desligada — informo.

— Estava? Não é possível! — Ela se debruça sobre a máquina.

— A Chiara está com algum paciente? — pergunto, entregando-lhe as folhas que a impressora acabou de soltar.

— Não, o último paciente já foi, agora ela só tem a reunião das sete. — Ela recebe os papéis com um sorriso que enruga a expressão marcada pela idade.

— Obrigada. — Sigo pelo extenso corredor de paredes enfeitadas por quadros antigos.

A sala de Chiara fica ao final dele. Passo por várias outras no caminho: são salas de conversa, salas de leitura, além das consultorias e da administração.

No início, o Salute oferecia apoio apenas a transplantados, mas atualmente sua atuação se ramificou; além de ajudar pessoas que receberam um órgão, o centro auxilia pacientes que aguardam na interminável e angustiante fila de transplante, e também suas famílias, já que muitos desses pacientes não conseguem o órgão e acabam morrendo.

— Chiara? — Abro a porta do consultório devagar e coloco apenas a cabeça no vão.

— Entre! — ouço-a falar.

Entro e olho em volta, à procura dela.

— Cadê você? — pergunto, e vejo-a surgir atrás de sua mesa.

Ela ajeita o jaleco branco com seu nome bordado em azul no bolso direito.

— Derrubei a caixa de cliques. Meu Deus, eram uns quinhentos cliques! — Chiara passa as mãos pelos cabelos louros e finos, refazendo o coque e colocando em ordem os fios. — Ainda bem que a chuva de hoje não te

atrapalhou. Quero falar contigo sobre um assunto importante. — Ela se senta em sua cadeira.

— Eu não faltaria nem se tivesse de vir nadando — respondo e sento-me também, colocando os braços sobre a mesa.

— Como vai o trabalho na corretora? — Ela afasta a postura de amiga e assume a de coordenadora do Salute.

— Por quê?

Chiara sabe como me sinto em relação ao trabalho; já expus, nas rodas de conversa e nas sessões individuais, a angústia que me causa a obrigação de ir todos os dias para aquele lugar.

— Você chegou aqui num momento difícil, começou a participar das reuniões, se abriu, chorou, sofreu. Eu acompanhei sua passagem pela raiva, pela tristeza, até chegar, com sua força de vontade e de vida, à aceitação. E, mesmo agora que está melhor, você vem ao centro todas as semanas, sem nenhuma obrigação. Sua presença contínua e sua vontade de fazer a diferença acabaram por fazer de você um elemento da equipe mais do que uma pessoa em busca de ajuda. Sua formação e sua experiência em administração se tornaram valiosas para nós, e, conversando, a coordenação decidiu propor que você trabalhe conosco em tempo integral, fazendo oficialmente parte da equipe. — Depois de falar, ela abre um sorriso amistoso e coloca uma mão sobre a outra.

— Está falando sério? — pergunto, em dúvida se ouvi corretamente suas palavras.

— Claro! Eu não proporia algo assim se não fosse certo, Antonella.

Escondo o rosto entre as mãos e suprimo a vontade de chorar que me acomete. Outra pessoa poderia achar que trabalhar num centro de apoio como o Salute seria pesado demais para alguém que passou por uma perda como a minha; no entanto, para mim, é o oposto. Sinto que esse lugar traz vida e entendimento às pessoas, é um lugar sereno, com pessoas especiais e acolhedoras. Estar aqui me faz mais forte a cada dia.

— Vai chorar? Achei que gostaria do convite — ela fala num tom jocoso, sabendo que meu choro é de pura alegria.

Tiro as mãos do rosto e a encaro, abrindo um largo sorriso.

— Obrigada! — digo, sem ter mais o que falar para expressar meu agradecimento.

Chiara sorri, estica uma das mãos e afaga a minha.

— Seja bem-vinda! E seja feliz ajudando outras pessoas, assim como nós a ajudamos.



2

Vittorio

De costas para mim, ela dança, feliz e despreocupada, deixando o mundo aos seus pés apenas com o poder do seu carisma. Os cachos acompanham os movimentos, bailando, volumosos e sem detença, ao ritmo de sua dona — a dona de pele escura, quente e convidativa que me chama com uma voz tão doce quanto mel. Seu corpo de curvas sinuosas é como um caminho tortuoso no qual desejo me perder.

Desejo seu toque, desejo que ela se aproxime, desejo que se vire para mim, desejo que seja minha. Mas ela não vem; apenas dança envolta em uma névoa cada vez mais carregada. Eu a chamo. Na verdade, grito por ela, mas ela não me ouve. Continuo clamando em vão enquanto a névoa traiçoeira a leva para longe de mim.

Acordo ofegante, com a imagem da mulher sem rosto ainda em minha mente; tento distinguir algum traço de sua face, mas não consigo. Nos últimos tempos, os mesmos sonhos enredam meu sono.

Nunca consigo ver o rosto dela.

Isso está se tornando cada vez mais estranho. Os sonhos começaram uns dois meses depois do transplante, a princípio irregularmente: uma

vez por mês, depois duas, depois três; quando eram poucas as vezes, eles não me chamavam tanto a atenção. No entanto, de um mês para cá, se tornaram tão frequentes que é impossível não me afetar. É como se eu a conhecesse de verdade, como se ela estivesse por perto e fizesse parte da minha vida.

— Estou ficando louco — murmuro, saindo da cama.

Sigo para o banheiro, tiro a calça do pijama, largando-a no chão, abro o chuveiro na temperatura mais quente possível e sinto a água aquecer minha pele e relaxar meus músculos. Ergo a cabeça e deixo que ela escorra por meus cabelos. Por causa do coração fraco, quase morto, fiquei tanto tempo sem conseguir me levantar da cama para tomar banho que carregava no peito que o simples ato de fazer isso tem sabor de triunfo.

Depois de me banhar, escolho uma camiseta preta e um jeans desbotado e calço minhas botas manchadas de tinta.

Minha casa e meu ateliê coexistem de maneira harmoniosa. O bairro onde moro é afastado e tranquilo. Aqui, consigo unir minha casa e minha arte. Quando comprei esse galpão abandonado alguns anos atrás, transformei-o de acordo com minhas necessidades: decidi derrubar todas as paredes internas para trazer amplitude ao local. Demudado num grande salão com paredes de tijolo aparente e pé-direito alto, ele me proporciona o espaço necessário para produzir grandes telas ou esculturas. No fundo do salão construí um mezanino aberto composto de uma pequena cozinha e quarto integrados, além de um banheiro; o espaço é suficiente para eu me alimentar e dormir, e isso me basta, já que passo o restante do dia imerso em minhas tintas e pincéis.

Preparo uma xícara de café e, com ela nas mãos, desço a escada do mezanino e observo as diversas telas penduradas nas paredes ou encoradas umas nas outras, no chão, além das esculturas espalhadas, e ando até o local onde estão as telas incompletas, muitas delas já pagas e atrasadas. Desde que os sonhos se tornaram mais vigorosos, só consigo pensar na mulher sem rosto que me segue pelas noites.

Ergo um dos quadros inacabados. Deslizo os dedos sobre os tons de azeviche na tela de aproximadamente um metro e meio de altura e exa-

mino o tronco nu, a mulher sem face, os fios de cabelo ondeados jogados para o alto, como se ela tivesse acabado de sair da água.

Volto a me perturbar com a frequência dos sonhos. Por que sempre a mesma mulher? Por que não consigo ver seu rosto?

Ouçó o barulho de um carro na frente do ateliê e desvio minha atenção da tela, que escondo atrás das outras, e sigo para a porta.

— E aí, cara? — diz Luigi, aproximando-se.

— O que veio fazer tão cedo? — pergunto.

Ele tem um pacote nas mãos.

— Cedo? Sério? Eu disse que te apresentaria para o pessoal da galeria do centro. Daqui a pouco eles estarão aqui.

— Esqueci totalmente — respondo, voltando para dentro do ateliê.

— Avisei no fim de semana, Vittorio. Sua cabeça está péssima, hein? — resmunga Luigi, batendo de leve em minhas costas.

— Quer café? — Sigo de volta e subo até o mezanino, com Luigi atrás de mim.

— Quero. Se der certo com essa galeria, eles vão pedir um trabalho totalmente novo, algo diferente de tudo o que você já fez. O que acha? — Luigi puxa uma cadeira para se sentar em frente à minúscula mesa redonda que mobília minha cozinha. Ele pega a xícara de café que lhe ofereço.

— Se eles me aceitarem, penso em algo. Antes preciso terminar os quadros que me foram encomendados.

Luigi abre o pacote que carrega e tira dele quatro *muffins* de banana com nozes, separa dois para si e coloca os outros dois à minha frente. Pego um e dou uma mordida, cuspiando em seguida.

— Está horrível! — falo.

Surpreso, Luigi tira uma lasquinha de um dos seus bolinhos e leva o miúdo pedaço à boca de maneira apreensiva.

— Claro que não, está ótimo! — diz. E agora, seguro do sabor, abocanha uma grande porção do *muffin*.

Com um semblante impressionado, observo-o comer sem nenhuma restrição.

— Cara, você está com tanta fome assim? Esse bolo tem um gosto péssimo!

— Desde quando, Vittorio? Esse sempre foi seu *muffin* preferido, e é o mesmo que eu trouxe na semana passada. Coma logo e pare de reclamar!

— Desde agora. Tem algo estranho neles.

De fato, banana com nozes sempre foi o meu sabor preferido. Decido colocar mais um pedaço na boca. Mais uma vez o sabor me nauseia, fazendo-me cuspi-lo novamente.

Irritado, mastigando seu bolo como se fosse isopor, Luigi me observa e, com a boca cheia, lança mais uma observação:

— Às vezes, acho que te fizeram um transplante de cérebro, e não de coração. Você está cada vez mais esquisito.

— Rá, rá, rá. Que engraçado. — Levanto-me para buscar mais café.

Luigi continua a falar sobre a galeria de arte que está interessada em meus trabalhos, e eu o ouço sem empolgação. Ele é meu fã mais fervoroso; desde os tempos de faculdade, quando eu cursava artes e ele, arquitetura, seu apreço por meu trabalho é alto. Nos conhecemos por meio de uma garota que, na época, era sua namorada e minha colega de classe, e de lá para cá nos tornamos unha e carne, como diz minha mãe. Luigi se especializou em arquitetura de interiores, e foi quem desenvolveu o projeto do ateliê. Ele sempre apresenta meus trabalhos para seus clientes, que acabam por se tornar meus clientes também.

— Você está prestando atenção? Caramba! Estou aqui explicando como essa exposição é importante para alavancar seu nome no cenário nacional! Você pode deixar de ser um pintor de quadros sob encomenda para se tornar um nome reconhecido nas artes plásticas.

— Desculpe, estava distraído.

Luigi balança a cabeça e estala a língua em desaprovação.

— Cara, você está muito avoado, não presta atenção no que a gente diz, não está produzindo o suficiente, tem vários clientes me ligando dizendo que você não entrega os quadros. O que está havendo? Você passou por um milagre, conseguiu um novo coração, está vivo, saudável, recuperado! Achei que iria trabalhar com todo o gás.

Esfrego meu rosto com força diante de sua reprimenda e penso que ele tem razão.

— O que está havendo, Vittorio? Tem algo errado com seu coração? Você está tomando todos os remédios, não está?

— Não é isso. Meu coração está ótimo — falo, colocando uma mão no peito.

— Então o que é? — Ele joga as mãos para o alto.

Observo-o em silêncio, avaliando se conto ou não sobre os sonhos. Luigi cruza os braços e aproxima a cabeça à espera de que eu fale algo.

— E aí? Estou esperando.

— Vem comigo. — Desço a escada do mezanino. Seguido por Luigi, caminho por entre as bancadas, tintas e telas até as pinturas inacabadas. — É isso. — Ergo o quadro da mulher sem face.

— Uau! É lindo, cara! Nunca vi você pintar uma silhueta assim, está incrível! É um projeto novo? — Luigi tira a tela das minhas mãos e a coloca sobre um cavalete. Ele cruza os braços e admira cada traço.

— Não.

— Você pode usar essa ideia de pintar pessoas sem rosto na exposição. Seria um sucesso!

— Não vou expor essa tela. — Tiro-a do cavalete e volto a escondê-la atrás das outras.

— Por que não? — Ele se coloca ao meu lado. — Acho que deveríamos mostrar essa tela para o pessoal que vai chegar.

— Não! — respondo categoricamente.

— Ei, calma! — diz Luigi, batendo uma palma. — O que essa tela tem a ver com nosso assunto inicial? Ela é o motivo de você estar distraído e com o trabalho atrasado?

Concordo com a cabeça.

— Como?

— Eu meio que... tenho sonhado com essa mulher todas as noites, e não sei o motivo. Ela fica dançando ou caminhando ao meu redor, e nunca consigo ver seu rosto. O sonho é tão real... Parece que a conheço de algum lugar.

Luigi ergue as sobrancelhas, atento ao que digo.

— Alguma cliente? — pergunta. — Uma gata que viu na rua e te deixou fissurado? Ou será que é porque faz tempo que você não fica com uma mulher? Cara, você precisa arrumar uma mulher! Isso está subindo para sua cabeça. — Ele dá uma piscadela e ri.

— Esqueça... — respondo, revirando os olhos. — Deve ser coisa da minha cabeça mesmo.

— Com certeza é. Mas me fale uma coisa: você sonha com ela todos os dias? — Ele demonstra mais interesse ao colocar uma mão em meu ombro.

— Sim — digo com sinceridade, e olho-o nos olhos.

— E não se lembra de ter visto alguém parecido com ela?

— Não... — Por mais que me esforce, não consigo me lembrar de tê-la visto.

— Talvez você devesse procurar seu médico; pode ser efeito dos remédios. Sei que os remédios para controlar a rejeição em transplantados são fortes e têm efeitos colaterais. Pode ser algo assim. Marque uma consulta, só para garantir.

— Eu não sei... Meu organismo tolera muito bem os remédios, as doses são bem ajustadas. De qualquer forma, pode ser que você tenha razão, ou talvez eu esteja pensando demais nesses sonhos e seja por isso que eles se repitam tanto. Vou passar no consultório do doutor Luca para saber mais sobre os remédios.

— Faça isso. Agora, vamos separar o que você tem de melhor para apresentarmos aos curadores.

Faço o que ele diz e, assim, inicio para valer meu dia.



No meio da tarde, com o ateliê de volta à sua pacatez depois que Luigi e o pessoal da galeria se foram, termino de fazer a lista de materiais que preciso comprar para terminar algumas telas e saio de casa para ir ao

centro de Vita. Vou aproveitar para passar no consultório de meu médico. O trânsito no centro é sempre louco e desordenado; tenho a sensação de que Vita fica mais apinhada a cada ano.

Com os vidros do carro fechados, observo a fila interminável de automóveis à frente. O semáforo abre e fecha várias vezes, e poucos de nós conseguem passar. Finalmente, sou o primeiro carro atrás da faixa de pedestre. Seguro o volante com as duas mãos e mantenho os olhos na luz vermelha, esperando o momento em que ela se tornará verde.

De repente, meu olhar é atraído para uma mulher de calça e terninho azuis que cruza a rua a passos calmos e equilibrados num sapato de salto alto. Aperto o volante com mais força.

É ela?

Devo estar alucinando, mas essa mulher se parece muito com a do meu sonho; a pele cor de ébano e o volumoso cabelo negro que emoldura seu rosto são idênticos aos que vejo todas as noites.

Ela termina de atravessar a rua e segue seu caminho pela calçada, enquanto eu a encaro sem piscar. Só quando ouço as buzinas atrás de mim é que me dou conta de que o semáforo ficou verde e que preciso me mover.

Acelero em direção ao consultório, com a imagem da mulher gravada em minha mente, e tenho a certeza de que estou ficando louco.

— Como você está, Vittorio? — pergunta Giullia, a secretária do doutor Luca. — É algo urgente?

— Estou bem. Não é urgente, só quero tirar umas dúvidas com o doutor.

— Ok. Pode aguardar, ele já te chama.

Sento-me numa das poltronas para esperar uma brecha na agenda do doutor Luca, já que vim sem marcar consulta — todos seus pacientes transplantados são prioritários e podem aparecer sem avisar.

O consultório, todo branco com móveis azuis, tem o mesmo cheiro dos hospitais, um odor difícil de aguentar, porque me lembra de todas as vezes que fiquei preso a uma cama, das internações, das cirurgias, da rotina que ainda hoje sou obrigado a enfrentar.

Enquanto espero, distraio-me com vídeos no celular ou com alguma das revistas do consultório. Depois de mais ou menos quarenta minutos, sou chamado.

Vejo o doutor Luca vindo em minha direção com uma mão estendida. Seus óculos estão pendurados na ponta do nariz, e os cabelos brancos e cheios, penteados para trás com gel.

— Me assustei quando a Giulia disse que você estava aqui. Sua consulta é só no mês que vem; o que aconteceu?

O interior de sua sala, com a mesa de mogno, as poltronas estofadas em marrom e as fotos de sua família no aparador a um canto, é mais acolhedor do que o restante do consultório.

— Estou bem. Só tenho algumas dúvidas sobre os remédios.

— O que quer saber? — Ele dá a volta em sua mesa e abre um envelope grande, do qual tira várias folhas com todas as minhas informações. Ao que parece, ele não faz da tecnologia sua aliada.

Sento-me com o corpo inclinado à frente em uma das poltronas e esfrego uma mão na outra, pensando num modo de fazer a pergunta sem parecer muito esquisito.

— Bem, eu tomo todos os remédios, e eles funcionam bem para mim, mas eu queria saber sobre os efeitos colaterais que eles causam...

Ele me ouve e acede com a cabeça.

— O que está sentindo? Está tendo formigamento, irritação gástrica, edema...

— Não, não, não é nada físico.

— Não é físico? Alterações de humor?

— Hum! Talvez sim, acho que isso se encaixa melhor — concordo, olhando para o alto.

— Pode descrever? Alguns dos remédios que você usa podem mesmo causar efeitos desse tipo. Você se adaptou bem às doses, então preciso entender melhor o que está sentindo.

Passo uma mão no rosto enquanto tento pensar nas palavras certas.

— Pouco tempo depois do transplante, comecei a ter alguns sonhos e algumas vontades diferentes.

Ele inclina a cabeça para um lado e estreita os olhos enrugados por trás dos óculos, ouvindo-me com atenção.

— Sonhos?

— Sim, eu sonho quase todos os dias com uma mulher que não conheço, nunca vi. E é tão real! — digo, baixando a cabeça para observar minhas mãos.

— Continue.

— E meu paladar está diferente. Por exemplo, eu sempre amei bolo de banana com nozes; desde criança, é o meu preferido. Mas hoje fui comer um no café da manhã e detestei o sabor, tive de cuspir. Fora outras coisas, como sonhos em que estou pilotando motos; não gosto de motos, nunca gostei. Talvez os remédios estejam mexendo com a minha cabeça. — Volto a encará-lo e coloco as mãos sobre a mesa, esperando que ele tenha uma resposta positiva para o que acabo de contar.

— Não — diz o doutor Luca. — As coisas que você está me contando não têm nenhuma relação com os medicamentos, Vittorio.

— Então o que é? Estou ficando louco, é isso?

— Vittorio, você passou por um transplante complicado, quase morreu. Todo o estresse que você viveu, toda a angústia por não saber se estaria vivo no dia seguinte, deixou seu emocional abalado. Talvez seja interessante você procurar alguém para conversar, um psicólogo.

— Psicólogo? — pergunto, desconfiado.

— Sim, cada profissional de saúde tem suas habilidades. Eu posso te ajudar mantendo seu novo coração em ordem. Já um psicólogo manterá seu emocional em ordem. Você ainda é muito jovem; de fato, é o mais jovem entre meus pacientes transplantados. Vittorio — ele ajusta os óculos no rosto —, você tem muita vida pela frente, não seja resistente.

Torço um lado da boca; não me anima a ideia de me expor a alguém que analisará cada palavra, cada gesto meu.

— Vou indicar um lugar. Há um centro de apoio que se chama Salute. Eles desenvolvem vários trabalhos com transplantados, com pacientes na fila de espera e também com seus familiares. É uma tarefa importante a deles, e o centro é apoiado por várias clínicas e hospitais — fala en-

quanto procura algo em suas gavetas. — Pegue! — Ele me entrega um cartão de visita — Vá até lá, conheça o lugar. Tenho certeza que você vai gostar. Depois volte aqui para me contar como foi.

Pego o cartão da mão do doutor Luca e leio o nome Salute estampado na pequena tira de papel.

Agradeço, despeço-me e saio de seu consultório.

Quando entro em meu carro, olho novamente para o cartão e noto que o endereço não é muito longe de onde estou. Bato o cartão contra o volante e depois o abandono no console, deixando para decidir depois se um dia vou até lá.